

LITERATURA AFRO ENTRE NÓS: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA SALA DE AULA

Ana Paula Teixeira Porto¹

35

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões sobre a inserção da literatura afro-brasileira e africana no contexto escolar. A partir de estudo bibliográfico, discute três fatores essenciais ligados a essa problemática: dificuldade de acesso aos textos dessa literatura; fragilidades na formação docente; e poucos subsídios ao professor para atividades de mediação de leitura literária afro-brasileira e africana no contexto escolar.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Literatura africana. Ensino de literatura.

ABSTRACT

This article presents reflections on the inclusion of African-Brazilian and African literature in the school context. From bibliographical study discusses three key factors linked to this problem : the difficulty of access to the texts of this literature ; weaknesses in teacher training ; and few subsidies teacher for African-Brazilian and African literary reading mediation activities in the school context .

Keywords: African-Brazilian literature. African literature. Literature education.

Sabemos que o valor atribuído à literatura enquanto objeto capaz de entreter, suscitar a fruição, qualificar a formação do homem, possibilitar sua humanização, tem perdido prestígio nos últimos anos. Os fatores que comprovam esse fenômeno são muitos. Um deles é de base bibliográfica e crítica apresentado por Todorov (2010), que aponta que a literatura está em perigo e que sua inclusão na escola tem se dado de forma frágil. Essa fragilidade referida pelo crítico pode ser compreendida por inúmeros fatores, tais como: o despreparo docente para trabalho com a leitura na escola; a ausência de professores leitores; o privilégio a uma perspectiva historicista de ensino da literatura nas escolas em detrimentos de outras que corroboram um trabalho mais instigante de letramento literário;

¹ Mestre e doutora em Letras. Líder do grupo de pesquisa “Práticas mediadoras de leitura” (URI) e pesquisadora sobre literaturas de língua portuguesa e ensino de literatura. E-mail: anapaula-porto@bol.com.br

as atividades de leitura literária, que muitas vezes resumem o objeto a uma finalidade de reposta a uma lista de exercícios; o acervo bibliográfico das escolas; o desconhecimento de obras que atendem ao gosto dos iniciantes; a insistência na leitura de obras que pouco interessam aos alunos ou que estes não dispõem dos conhecimentos necessários para compreendê-las; os crescentes apagamentos da literatura no rol do que é importante ser ensinado e aprendido nas escolas, dada as observações a documentos como LDB, PCNs e também a exames avaliativos como o ENEM.

Além de todo um contexto que parece acelerar o declínio da literatura nos espaços escolares de formação do educando, constatamos com facilidade que “a leitura literária figura como uma prática entre tantas outras, sem sua antiga aura de ‘leitura por excelência’” (GOMES, 2010, p. 1). Vemos a literatura disputar atenção com outras formas culturais e artísticas, muitas oriundas da evolução dos meios de comunicação e do acesso cada vez mais intenso aos recursos digitais e a outros gêneros, os quais corroboram para um “enfraquecimento da representação social da literatura” que “atinge o espaço escolar e afeta o seu ensino” (GOMES, 2010, p. 2).

A tarefa de ensino da literatura nas escolas pode se tornar mais difícil quando o objeto de leitura é a literatura marcada pelos traços da cultura e da história africana, como a afro-brasileira e a africana de expressão lusófona, mesmo que já tenhamos mais de uma década de obrigatoriedade do ensino da cultura afro e africana nas escolas, no qual podemos incluir a literatura, e que, conforme Pereira (2007, p. 21) tenhamos constatado “a relevância da contribuição das sociedades africanas e dos afrodescendentes brasileiros para a formação e o desenvolvimento da sociedade brasileira.”

Se temos um aparato legal que nos incentiva essa inserção literária, por que parece haver uma dificuldade de usufruir das contribuições da literatura afro-brasileira e africana em nossas escolas? Por que é raro desfrutarmos da leitura de obra literária marcada pela africanidade? Podemos tentar refletir sobre o tema a partir do levantamento de três razões: dificuldade de acesso aos textos dessa literatura; fragilidades na formação docente; e poucos subsídios ao professor para atividades de mediação de leitura literária africana. No caso de obras literárias afro-brasileiras, temos observado primeiramente que escritores

dessas obras têm tido ao longo dos séculos pouca visibilidade se compararmos com outras obras literárias que passaram a ser incluídas no cânone nacional. Conforme explica Santos (2013, p. 85), “no campo da literatura, durante séculos os negros não foram destacados neste cenário como protagonistas ou pertencentes à constituição do povo brasileiro. Assim como poucos escritores tiveram destaque em suas obras.”

Soma-se a esse fator, um notável apagamento cultural dos negros como protagonistas da história brasileira no rol das obras literárias, como se a nossa história fosse construída predominantemente por homens brancos, pois estes é o que aparecem como personagens centrais em contos e romances ao longo da nossa história literária brasileira. Ao nos depararmos com esse traço, parece haver não apenas um silenciamento da importância do povo afro para constituição brasileira como uma dificuldade de o escritor afro-brasileiro ganhar prestígio no cenário nacional, afinal quais escritores afro-brasileiros estão no nosso cânone? Quantos de nós leitores tivemos a oportunidade de ler, durante nossa formação escolar, textos de Conceição Evaristo, só para citar uma das escritoras mais representativas da literatura afro-brasileira contemporânea? Quais de seus textos ou de outros escritores dessa literatura estão contemplados em livros didáticos que permitiriam acesso do leitor escolar a essa literatura? O que conhecemos sobre nossa produção literária afro-brasileira?

Ainda em referência a esse apagamento literário em nossa formação, destacamos a perspectiva de Santos (2013, p. 86), segundo a qual

Em síntese, após 512 anos de descobrimento e 124 anos de abolição da escravatura, o reconhecimento e o posicionamento dos escritores afrodescendentes e brasileiros diante de suas obras ainda permanece silenciado ou ocultado. Há muito pouco na literatura personagens negros ou afro-brasileiros protagonistas ou antagonistas, e ainda não revelam estas personagens como figuras relevantes para a formação da sociedade no país.

Para refletir sobre esse apagamento da africanidade em nossa formação ou a pouca importância dada a ela (inclusive na literatura brasileira em geral, na qual poucos personagens negros aparecem como protagonistas, por exemplo), ler textos literários afro-brasileiros torna-se relevante. Peixoto (2013) assinala que a abordagem de histórias e

escritas literárias afro-brasileiras e africanas, no processo de exploração da literatura na sala de aula, pode ser uma forma de rompimento com a perspectiva tradicional do ensino de literatura no Brasil, que, segundo ele, apresenta o negro de forma negativa e estereotipada. Além disso, seria uma possibilidade de ir contra o apagamento de “textos afro-brasileiros, através dos quais escritores assumidamente negros expõem literariamente ideias acerca do racismo e das experiências sociais do negro” na sociedade brasileira (PEIXOTO 2013, p. 8).

Se, no acesso aos textos afro-brasileiros, vemos dificuldades, o processo parece simular quando pensamos na literatura africana. A leitura de obras de escritores africanos é dificultada por motivos que se repetem também na abordagem de obras de outras literaturas, como o valor do livro e a insuficiência de recursos financeiros para composição de uma biblioteca seja na escola ou no ambiente familiar. Mas isso é agravado ainda, no caso das obras africanas, pelo fato de muitas delas não serem editadas no Brasil ou ainda não terem uma versão em português, pois vários textos são publicados nos idiomas locais africanos, restringindo o seu público leitor. Além disso,

Apesar de ultimamente ter crescido o volume de publicações de autores africanos de língua portuguesa no cenário editorial africano e europeu, o público brasileiro encontra-se ainda afastado do universo literário africano lusófono, uma vez que as editoras brasileiras não têm voltado seu foco de interesse para obras dessa natureza, salvo algumas exceções. (COUTO, s.d., p. 3)

Embora já se verifique uma maior circulação no Brasil de textos literários africanos - em parte como resultado do interesse de pesquisadores brasileiros por essa literatura e da ampliação do mercado editorial² - não é comum encontrar amplo acervo de obras africanas em bibliotecas escolares, o que, por um lado, sinaliza para a possibilidade de desconhecimento sobre essa literatura e, por outro, um contrassenso, uma vez que, sendo obrigatória a exploração da cultura africana na formação básica, a literatura nessa perspectiva é excelente instrumento para tal formação.

² Conforme Scliar (2010), o Brasil tem assistindo a um crescimento no mercado editorial, pois “de 2006 a 2008 foram lançados, aproximadamente, 57 mil novos títulos e impressos mais de um bilhão de exemplares. A indústria editorial atrai investidores estrangeiros, e está deixando de lado o elitismo do passado para buscar o público leitor, sobretudo o leitor jovem. Redes de livrarias estão em expansão, e também a oferta do livro de porta em porta: em 2009, quase 30 milhões de livros foram assim vendidos, sobretudo para setores mais pobres.”

Ainda sobre o acesso à literatura afro-brasileira e africana nas escolas, há de se destacar um avanço nesse sentido, a partir das políticas governamentais de ampliação de acervo de bibliotecas escolares, embora muito tímido e longe de suprir lacunas no acesso de alunos e professores aos textos afro-brasileiros e africanos. Em estudo sobre a presença afro-brasileira em obras selecionadas para o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), no acervo de 2008, Ramos, Neves e Orso (2011) constatam que a presença dessa abordagem é bastante reduzida: 11%, o que nos permite concluir que estamos distantes de ter um amplo acesso à literatura afro-brasileira nos espaços escolares quando consideramos que muitas vezes a única possibilidade de acesso à literatura é na escola. Segundo as pesquisadoras,

Após a leitura de todo o acervo, percebeu-se que 11% do acervo de narrativas contém enredos cujos personagens são africanos ou, mesmo vivendo no Brasil, apresentam traços que os relacionam a essa etnia. São, portanto, 11 obras, a saber: *Outra vez*, de Angela Lago; *Melhores amigas*, de Rosane Svartman; *O cabelo de Lelé*, de Valéria Belém; *O rei preto de Ouro Preto*, de Sylvia Orthof; *Chuva de Manga*, de James Rumford; *O que tem na panela, Jamela?*, de Niki Daly; *Os três presentes mágicos*, de Rogério Andrade Barbosa; *Os chifres da hiena e outras histórias da África Ocidental*, de Mamadou Diallo; *O príncipe corajoso e outras histórias da Etiópia*, de Praline Gay-Para; *Ulomma, a casa da beleza e outros contos*, de Sunny; *Os gêmeos do tambor*, de Rogério Andrade Barbosa. (RAMOS; NEVES; ORSO, 2011, p. 189)

Nas seleções de obras do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), no acervo de 2013 destinado ao ensino médio, apenas três obras de escritores africanos são contempladas: uma narrativa de José Eduardo Agualusa (*Nação Criuola*), uma antologia de poesia africana (*Poesia africana de língua portuguesa: antologia*) e um romance de Mia Couto (*O último voo do flamingo*). Num universo diversificado e heterogêneo que se observa na literatura africana lusófona, três obras africanas – todas da literatura contemporânea, sendo duas de escritores notórios e já canonizados – de fato é insuficiente para reconhecer particularidades dessa literatura e despertar o interesse do aluno por essa produção.

Além da dificuldade de acesso aos textos literários afro-brasileiros e africanos, ainda temos de conviver com lacunas na formação dos professores responsáveis pelo letramento literário. A pouca ênfase dada a essas literaturas nos cursos de formação de professores de

literatura³ é outro fator que distancia a literatura afro-brasileira e africana no rol de leituras escolares. Disciplinas voltadas à literatura africana, por exemplo, são na maioria das vezes, quando ofertadas nos cursos de graduação em Letras, eletivas, portanto, não obrigatórias na formação docente, sendo facultada a sua matrícula aos estudantes. Referindo-se ao ensino da literatura africana no ensino superior, Couto acentua que

ainda são raros os cursos de Letras que oferecem aos alunos cursos de literatura voltados ao universo africano lusófono, seja na grade curricular obrigatória, seja na grade optativa. Os alunos formam-se em cursos de Letras sem ao menos ter noção do que é produzido em termos literários de língua portuguesa no continente africano. Com exceção do autor moçambicano Mia Couto, que tem sido editado e lido com certo interesse no Brasil, são muito poucos os autores conhecidos entre nós, embora a lista de sua produção contemporânea seja considerável. (COUTO, s.d, p. 4-5)

Nesse contexto formativo que relega as literaturas afro-brasileiras e africanas da qualificação do futuro professor, consolida-se uma perspectiva preocupante de inserção dessa literatura na escola, pois,

Para que a literatura de matriz africana encontre espaço no universo escolar, se faz necessário um maior conhecimento por parte dos professores dessa literatura, com o objetivo de desenvolver práticas pedagógicas transformadoras, que contribuam para a legitimidade das várias culturas e respeito à pluralidade cultural e religiosa. (SILVA, 2010, p. 4)

Tal sistemática de formação docente certamente acaba por afastar o futuro professor de um universo literário que deveria ser objeto de sua formação elementar para que, a partir disso, possa ser objeto de ensino nas escolas. Se o graduando não é despertado para o interesse sobre essa literatura e nem é capacitado para realizar atividades de leitura de tais textos na sua atuação profissional, dificilmente em sua prática educativa vai incluir a

³ As deficiências na formação de professores aptos a trabalhar com literatura africana são também um desdobramento das fragilidades observadas nos cursos de Letras quanto ao ensino da literatura. Estes já recebem alunos com sérias dificuldades de compreensão do que é literatura, com dificuldades de leitura e com bagagem literária restrita haja vista um histórico escolar que desprestigia e leitura literária. Como explica Gomes (2010, p. 7), “a formação do profissional de Letras enfrenta o desafio de, superando-se as deficiências da educação literária e leitora em toda trajetória escolar do estudante que chega ao curso, transformá-lo num agente de promoção da leitura.

literatura africana no rol de leituras importantes na formação de seus alunos, até porque a tendência é a de que os alunos, depois de formados, deem continuidade a práticas de ensino exploradas durante sua formação.

Apesar de ser recomendada a abordagem da cultura e histórica da África através de dispositivos legais, como a lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 e a lei nº 11.645, de 10 março de 2008, que sinalizam para a obrigatoriedade de ensino da cultura africana na Educação Básica, ao orientarem que os conteúdos referentes à História e à Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, especialmente nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras, ainda há carência de reflexão sobre seu ensino. Em referência à implementação dessas leis no contexto escolar, Costa e Bezerra pontuam que a “dificuldade de se trabalhar esses temas nas escolas advêm da falta de conhecimento a respeito do assunto, ou até mesmo, por puro preconceito que se encontra no subinconsciente dessas pessoas”(s.d, p. 4). As autoras também esclarecem que

Pesquisas realizadas anteriormente a pedido da SECAD e UNESCO em algumas escolas brasileiras constataram que a implementação da Lei 10.639 passa por muitos impasses e preconceitos a respeito da inserção desses conteúdos nas disciplinas que integram o currículo escolar. Em entrevista realizada com a professora Nilma Lino Gomes (2010, p. 06) à revista *Nação Escola*, uma das mais ilustres e renomada pesquisadora sobre o assunto, responde: “A implantação da lei 10.639 representa avanços para a educação do país, mas tem esbarrado em resistências relacionadas à gestão das escolas e do sistema de ensino”. (COSTA; BEZERRA, s.d, p. 4)

Uma ilustração exemplar sobre como o ensino de tal cultura é frágil refere-se a práticas corriqueiras e pouco reflexivas de abordagem de temáticas afro-brasileiras e africanas, numa perspectiva bastante distante do que se considera pertinente para conhecimento da história e da cultura afro. Quando escolas adotam o Dia da Consciência Negra, por exemplo, como a data essencial para apresentar essa cultura aos alunos através de exposições ou demonstrações culturais, dissociadas no exercício de reflexão sobre a cultura, constata-se a fragilidade da inserção da história, da cultura – e por que não da literatura – africana no ambiente escolar. Sabe-se que tendências como estas minimizam o

valor dessa cultura e impedem que questões afro sejam de fato objeto de formação permanente.

Além disso, uma abordagem da história e da cultura afro, no que tange aos materiais didáticos de literatura, é ainda pouco presente na maioria dos manuais de literatura disponibilizados aos professores. Quando há referência à literatura africana, esta se pauta na abordagem de pouquíssimos textos – ou melhor, em fragmentos, sendo selecionados aqueles de escritores renomados, como Mia Couto. O manual de William Cereja e Thereza Magalhães (2010) *Português: linguagens*, por exemplo, que é um dos mais utilizados e populares, traz esse perfil: destina atenção à formação das literaturas africanas e à identidade nacional, salientando algumas particularidades da literatura de três países africanos de língua portuguesa - Angola, Moçambique e Cabo Verde, com abordagem de autores clássicos como Pepetela e Mia Couto. A partir disso, não é difícil concluir que é preciso avanços na produção de materiais didáticos cujo propósito é refletir sobre o ensino e a aprendizagem da produção literária africana.

Quando pensamos na literatura afro-brasileira, parece que o cenário é ainda mais problemático. Em referência a alguns manuais de literatura do ensino médio, dentro os quais os de autores consagrados como Ernani Terra e José de Nicola, Peixoto (s.d) constata uma “invisibilidade” de escritores e obras afro-brasileiras, o que resultaria não apenas no desprestígio dessa literatura como também uma negação de nossa história literária. Segundo a pesquisadora, os manuais escolares colaboram para excluir a voz do negro na nossa história e constituição, privilegiando a voz do branco e conseqüentemente do branco escritor também, o que nos induz a pensar ainda na necessidade de uma ampla revisão desses materiais que tão continuamente são a principal fonte metodológica de ensino literário:

Estimular a ação de leitores e escritores jovens a partir da articulação de lugares de memória de afro-brasileiros, tradicionalmente invisibilizados nas historiografias literárias e manuais didáticos de literatura, é, sem dúvida, o que fundamenta a opção de compreender as teorias que dão forma às escolhas literárias dos autores de livros didáticos e, mais ainda, orienta a necessidade de se produzir metodologia para criação de materiais didáticos que não omitam as questões que envolvem a problemática das relações étnico-raciais no Brasil. No sentido de recusar todo tipo

de silenciamento castrador, termino com a ironia das “Trovas burlescas” de Luís Gama, texto (romântico?) publicado em 1859, mas, infelizmente, não lido por nossos alunos em formação:

Desculpa, meu amigo,
Eu nada te posso dar;
Na terra que rege o *branco*
Nos privam té de pensar!... (PEIXOTO, s.d., p. 10)

Diante do exposto, ainda que de forma breve e não conclusiva e tampouco completa, devemos apontar que observamos uma série de “nós” quanto à inserção da literatura afro-brasileira e africana no contexto escolar. Tal fenômeno incide não apenas na possibilidade de maior acesso às obras, seja por meio de políticas de ampliação de bibliotecas escolares seja por meio de abordagem dessa literatura em manuais didáticos, mas também na formação de docentes para o trabalho com essa literatura. Ainda nesse caminho longo a percorrer ao que as pesquisas e os fatos indicam, há a necessidade de se pensar em metodologias diversificadas para trabalho com a leitura literária primeiramente nos cursos de licenciatura, que devem dar maior atenção a essa produção literária, e depois na escola como uma conseqüência do processo formativo que os graduandos recebem em sua formação. Se docentes não forem leitores dessa literatura e se esta não for trabalhada de forma a despertar o prazer de sua leitura, dificilmente as literaturas afro-brasileira e africana serão objeto profícuo para a formação de leitores críticos e competentes. Nesse contexto, uma certeza que se tem é de há uma infinidade de textos literários à espera de leitores brasileiros e de práticas mediadoras de leitura que conectem a cultura, a história e a literatura africana ao ensino brasileiro a partir de um viés sem preconceitos e marcado por expectativas de uma leitura que certamente poderá desestabilizar muitos conceitos e trará novas perspectivas de leitura literária.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e

dá outras providências. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: mar. 2013.

_____. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: mar. 2013.

_____. Ministério da Educação. PNBE – Acervos 2013. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13698&Itemid=986. Acesso em: jul. 2014.

_____. Ministério da Educação. PNBE – Acervos 20113. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13698&Itemid=986. Acesso em: jul. 2014.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português linguagens. 7. ed.** reform. São Paulo: Saraiva, 2010. Vol. 3.

COSTA, Dione Ribeiro; BEZERRA, Rosilda Alves. A literatura afro-brasileira em sala de aula. Disponível em: <http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/1267-A%20Literatura%20Afro-brasileira%20em%20Sala%20de%20Aula.pdf>. Acesso em: maio 2014.

COUTO, Andréia Terzariol. A literatura africana lusófona no ensino superior. Disponível em: Acesso em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem10/COLE_1542.pdf. Acesso em: ago. 2014.

GOMES, Inara Ribeiro. Sobre “como” e “por que” ensinar literatura. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 1-10, jul.dez/2010. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/16231>. Acesso em: out. 2013.

PEIXOTO, F. L. **Literatura Afro-brasileira**. Salvador: Programa A Cor da Bahia, FFCH/UFBA, 2013.

PEIXOTO, Fabiana de Lima. A escritura literária negra em dois manuais didáticos de literatura do ensino médio. s.d. Disponível em: alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/.../sm11ss10_03.pdf. Acesso em: 12 abr. 2015.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na escola**: questões sobre culturas afrodescendentes e educação. São Paulo: Paulinas, 2007.

RAMOS, Flávia Brochetto; NEVES, Nathalie Vieira; ORSO, Aline Crisleine. Vozes d'África no PNBE 2008. **Antares, Caxias do Sul**, v.3, n. 6, p. 187-207, jul./dez. 2011. Disponível em: www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/download/990/950. Acesso em: 12 abr. 2015.

SANTOS, Margareth Maura. A cultura e a literatura afro-brasileira em sala de aula. **Revista Magistro**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 80-87, 2013. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/2160/1002>. Acesso em: 12 mar. 2015.

SCLIAR, Moacyr. Um país em busca de leitores. Disponível em: <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=758>. Acesso em: jun. 2014.

SILVA, Maurício. Literatura e experiência de vida: novas abordagens no ensino de literatura. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 1-10, jul.dez/2010. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/14466/11687>. Acesso em: out. 2013.

SILVA, M. R. A literatura infanto-juvenil de matriz afro-brasileira. **Cadernos Imbondeiro**. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

Artigo aceito em jun./2015.